



Secular Templi  
by osmthu

# IN HOC SIGNO {2}

JANEIRO 2026

## EDITORIAL



**O** acolhimento dos nossos Irmãos e do público em geral ao primeiro número deste nosso Boletim foi absolutamente avassalador. Nunca tinha recebido tantas mensagens, comentários, sugestões de melhoria, reflexões e críticas (sim críticas das proveitosas e construtivas!) como desta vez. É muito bom saber que somos lidos e que o que escrevemos vos dá comichão na cabeça e obriga a pensar e repensar o Templo hoje. Num mar de marasmo total, que tem caracterizado a produção comunicacional dos muitos ramos da Ordem, ficamos felizes e com vontade de fazer (muito) mais. Obrigado a todos.

Talvez um dos aspectos que mais surpreendeu nas reacções ao Boletim foi o modo como estas se dividiram em dois campos bem definidos e claros. Por um lado, os Irmãos e Irmãs da OSMTHU e por outro os Irmãos e Irmãs de outros ramos da Ordem que se sentiram impelidos a nos contactar. A generalidade dos Irmãos da OSMTHU mostraram ter usado diligentemente o material a que já tiveram acesso (como o “Liber Novitius” que lhes foi entregue no dia da sua Armação, nutrido de abundante material de estudo histórico e de referência, muito dele inédito), assim como os que

seguiram os estudos sob a *orientação* do nosso Preceptor Geral F+ José Carlos Mateus, KGOTJ (que inclui um mergulho mais profundo nos temas de Cavalaria, desde logo com o “*Livro da Ordem de Cavalaria*” de Ramon Llull). É notório como essa base de instrução, embora introdutória e simples – não obstante fundamental – faz uma grande diferença no modo de colocar e pensar o tema Templário, servindo como modelo e método ao qual se vão acrescentando novos dados e estudos que dão acesso a um maior entendimento da Ordem. Sobre isto podemos dizer que boas bases fundacionais ajudam a construir um “*edifício*” de conhecimentos sólido e versátil.

Contrastam os muitos comentários e perguntas de Irmãos e Irmãs de outros ramos da Ordem. Não precisamos de escamotear o que já todos sabemos: a generalidade dos movimentos neo-templários é constituído por muitos curiosos e sonhadores, com muito boa vontade, amigos simpáticos e fraternais com uma forte paixão sobre o tema, mas sem um ponto de partida definido e com um “*programa de estudos*” que, quando existe (quase nunca existe), é aleatório e derivativo, sem foco, um descomprometido passeio campestre pelas inconsequentes paisagens dos “*tesouros perdidos*”, dos “*segredos ocultos*” e dos “*ensinamentos secretos*”. Quando assim não é, tudo se estrutura ao redor de uma contribuição académica – segura sem dúvida – mais inócua e estéril do que as colinas escarpadas do Jordão. Dali nada vai nascer de novo, porque há que proteger carreiras e teses bem consolidadas. Dali tudo saberemos sobre a Ordem do século XII e XIII, mas nada, absolutamente nada, sobre a Ordem, hoje.

E, porém ela move-se.

Não estamos a criticar em específico nenhum outro ramo. Estamos a declarar o óbvio. E o óbvio requer que os (muitos) insatisfeitos arregacem as mangas e transformem o mundo ao seu redor a começar pelas organizações onde militam. Essa tem sido a resposta que temos dado a todos os que têm reagido a este Boletim com lamentos e pedidos de guarida.

Que fique claro: a OSMTHU não coopta membros em outros ramos. Não promove a transferência (transfusão?) de Comendas e Bailios inteiros que se querem libertar das amarras a quem devem obediência (assumida a seu tempo de modo voluntário e consciente). Compreende que todos perdem quando a divisão e o desânimo assentam num dado grupo. Por este motivo não será uma fonte de discórdia. Não alimentará ambições dos que não compreendem bem os valores da Cavalaria, começando pela Lealdade. O nosso conselho fraternal: trabalhai, com amor à Ordem, onde a encontraste. É aí que o vosso esforço é necessário. É aí que ele pode ser transformador. O Cavaleiro não foge ao desafio. Luta pelos valores da Ordem enquanto o estandarte estiver erguido. No “*exército*” onde cumpre o seu ofício, junto aos irmãos na companhia dos quais nasceu na Ordem. Não muda de fileiras quando se instala o desconforto.

Dito isto, o nosso contributo para todo o movimento é a partilha. É com esse espírito que aqui colocamos o que humildemente fazemos. Não é para chamar aos nossos

rangos os que já têm senhorio. Com mais de 30 anos de actividade contínua, vimos como surgiram **todos os grupos** que hoje invocam a inspiração Templária no nosso país. E vimo-lo com esperança. Com amor fraternal. Nunca como rivalidade ou espírito de “concorrência” (palavra de origem comercial que, com pena, vemos por vezes ser usada para definir as muitas actividades que vamos promovendo). É inevitável que todos queiramos convergir em Tomar, em Almourol em Pombal, em Soure, mas também em Lisboa e no Porto. Não “concorremos” porque não *corremos*. Não vemos o país através da lente das quotas de mercado. O espaço histórico-imagético lendário e simbólico da Ordem do Templo, ao qual nós acrescentamos uma paixão pela corrente por vezes definida como a Portuguesia (que, não sendo nosso neologismo, activamente encorajamos), é de todos e é nele que trabalhamos. É inevitável a sobreposição dos vários grupos.

Saibamos partilhar meios, informação, esforços e objectivos. Não é isso que significa “Não a nós”? ✘



Luis de Matos  
Eques a Flamula Veritatis  
Grão Prior  
OSMTHU

---

## ESTAR IRMÃO vs SER IRMÃO

**A** minha reflexão de hoje convida-vos a entrar em pleno, de coração, em duas expressões que, à primeira vista, parecem semelhantes, mas que na realidade traçam dois caminhos muito diferentes: *ser Irmão e estar Irmão*. À superfície, é apenas uma diferença verbal. Mas, na profundidade, é a diferença entre viver uma vida inteira de fidelidade a um caminho espiritual ou apenas habitar por um tempo a sua aparência. É a diferença entre um compromisso de alma e um episódio passageiro.

Mas, vamos à raiz da questão. Ser Irmão é viver em plenitude a pertença à Ordem. É deixar que cada palavra, cada gesto e cada silêncio se tornem expressão da Regra invisível que nos guia. É carregar no íntimo a marca de um juramento que não se apaga, mesmo quando ninguém o vê, mesmo quando ninguém o recorda.

Já, Estar Irmão, é algo distinto. É colocar o hábito ou vestir os Paramentos, mas sem deixar que ele se torne numa segunda pele. É participar em cerimónias, mas sem permitir que essas cerimónias transformem o coração. É usar palavras de fraternidade, mas não viver essa mesma fraternidade. É, em suma, permanecer na



superfície, sem descer às raízes, ao mais profundo do ser, ao mais profundo de si mesmo.

Para o mestre Ramon Llull, no seu *“Livro da Ordem de Cavalaria”*, escrito no século XIII, faz esta distinção de forma magistral. Ele recorda-nos que muitos vestem o hábito da Cavalaria, mas poucos vivem as Suas virtudes. Para Llull, não basta possuir espada, cavalo ou insígnia; é preciso possuir coragem, fé, lealdade, justiça, esperança, caridade e serviço. E a sua advertência atravessa os séculos para chegar até nós: *“não basta estar dentro de uma Ordem; é necessário ser-se a expressão de Ordem”*.

Llull sublinha que o Cavaleiro que apenas busca honras externas não passa de um actor mascarado e que a verdadeira dignidade nasce da coerência interior. Podemos aplicar o mesmo à nossa realidade Templária contemporânea: estar Irmão é procurar uma medalha, uma “experiência” ou um nome a acrescentar ao currículo espiritual; ser Irmão é aceitar transformar a própria vida, suportando as exigências do caminho.

Séculos mais tarde, Miguel Aguiar, no seu livro: *“Cavaleiros e Cavalaria”*, dedica as primeiras páginas a este mesmo problema: o da diferença entre a forma e a substância, entre a aparência e a essência. Ele lembra-nos que a Cavalaria, quando reduzida a ornamento ou a aparato, degenera em espectáculo social. Mas quando vivida como disciplina interior e como serviço, torna-se força transformadora.



Aguiar insiste: *“o título de cavaleiro nada significa sem a vida cavaleiresca”*. E aqui está a ponte para com a nossa reflexão. O título de Irmão nada significa sem a vida de Irmão. A insígnia pode ser recebida num só dia, mas o verdadeiro Ser Irmão constrói-se em cada dia, em cada fidelidade, ainda que pequena, em cada acto silencioso, de lealdade, de serviço ou de caridade.

Nas Vias Iniciáticas modernas, vemos demasiadas vezes a tentação do efémero. Procura-se a Iniciação como quem procura um curso ou uma medalha. Coleccionam-se insígnias, graus, diplomas, como quem colecciona lembranças de viagem.

Mas tanto Ramon Llull como Miguel Aguiar recordam-nos veementemente: *“a Iniciação não é um adorno, não é um espectáculo. É uma ferida que transforma, é um labor que exige disciplina, é um fogo que purifica”*.

Como diz Pessoa: *“para Amar há que ir ao Mar”* – ou seja, ninguém entra na água sem se molhar. Há que ser completo, há que ser inteiro.

O verdadeiro Irmão não se contenta em “estar” por um tempo. Mas, pelo contrário, aceita o peso de “ser”, mesmo quando esse peso exige sacrifício. O Irmão sabe que a cruz não é de metal e de brilho para exibir ao peito; mas é, sim, de serviço e de silêncio para carregar nos ombros.

Ser Irmão é viver com coerência, mesmo na solidão. É respeitar e amar o outro como verdadeiro irmão, mesmo quando há diferenças entre as personalidades. É trabalhar pela Ordem, mesmo quando ninguém vê ou agradece. É manter a fidelidade, mesmo quando o mundo à volta parece girar em direcção contrária.

Ser Irmão é aceitar que a Ordem não é apenas uma instituição histórica, mas uma corrente espiritual viva, que nos ultrapassa e que nos molda. É ser barro nas mãos do oleiro, mesmo quando o molde dói.

Já, Estar Irmão é procurar apenas aquilo que agrada. É entrar e sair ao sabor da moda. É desistir quando não há aplausos ou recompensas. É confundir a Iniciação com uma cerimónia, quando na verdade a cerimónia é apenas o limiar para aceder à real e verdadeira Iniciação transformadora que ocorre pela vida.

O Estar Irmão fragiliza as Ordens. Banaliza os símbolos, transforma o sagrado em decoração e o rito em espectáculo. E quando isso acontece, a Ordem deixa de ser via de transformação e reduz-se a clube social.

Então, meus bem amados irmãos da Ordem de Cavalaria, qual é o desafio para os dias de hoje?

Vivemos num tempo de imediatismo e de consumo, em que tudo é rápido e descartável. Mas, a Via Ordenada da Cavalaria Templária não se compra nem se descarta. Ela exige paciência, disciplina, fidelidade.

É aqui que se decide a real diferença entre o Estar Irmão, que é passageiro; e o Ser Irmão, que é eterno.

Ramon Llull disse-o no século XIII: “o cavaleiro é medido pelas virtudes, não pelos adornos”. Miguel Aguiar confirma-o no século XX: “a cavalaria sem substância é vazio”. E nós, hoje, no século XXI, precisamos de lembrar que a nossa Ordem não existe para dar títulos, mas para dar sentido, para ordenar, para reger, para servir e para plasmar o Legado na vida.

Então, Irmãos, não vos contenteis em Estar Irmãos. Vivei com coragem a exigência de serdes Irmãos. Que cada um de nós possa, no fim do caminho, responder com serenidade: “*Não estive apenas Irmão por um tempo. Fui e sou Irmão para sempre, porque deixei que o Espírito me transformasse*”.

Para a maior glória de Deus.

Essa é a diferença.

Esse é o desafio.

Essa é a verdadeira vitória do Cavaleiro na sua demanda pessoal nesta vida e, em todas as vidas até se cumprir o retorno à Casa do Pai.

IHSV. ✠



Fr+ Victor Varela Martins, KCTJ  
Eques a Gladius Fidelis  
Comendador de Laccobriga  
Por ocasião do II Congresso Interno  
Setembro 2025

# SER **CAVALEIRO** NO SÉCULO XXI

# HONRA E VERDADE

**N**a contemporaneidade, a prática da cavalaria parece ter perdido a sua relevância, sendo frequentemente associada a um passado distante, especialmente à Idade Média. Dessa forma, surge a indagação: qual o sentido de se armar um cavaleiro ou uma dama no século XXI? A resposta a essa questão reside no facto de que o conceito de “cavaleiro” transcende a sua manifestação histórica, configurando-se como um arquétipo, um mito profundamente enraizado na cultura espiritual.

Embora os castelos se tenham transformado em meras ruínas turísticas e as espadas em adornos decorativos, o mundo contemporâneo, marcado pela efemeridade das tecnologias digitais e pela indignação instantânea nas redes sociais, ainda clama por figuras que personifiquem os valores imortais da cavalaria.

Contudo, não nos referimos aqui aos cavaleiros de armaduras resplandecentes montados em corcéis brancos, cuja imagem, atualmente, serve apenas para decorar festas “infantis” na forma, com temática medieval. Referimo-nos, antes, àqueles que sustentam a sua palavra com a mesma gravidade e integridade com que os antigos cavaleiros carregavam as suas lâminas templárias.

O termo “Cavaleiro” (do latim *equites*) foi utilizado pela primeira vez por Júlio César durante a conquista da Gália, para designar, entre os Celtas, toda uma classe guerreira, em contraste com os druidas, que formavam a classe sacerdotal.

Desde esse momento, o cavaleiro foi sempre entendido no contexto das batalhas e das guerras, mas não como um simples guerreiro; ele era alguém capaz de transformar o combate num meio para alcançar ideais elevados.

O cavaleiro distingue-se do guerreiro, pois, embora possua a mesma força e coragem, é também portador de uma maturidade e de um reflexo do monge, uma vez que esses conceitos se mantiveram entrelaçados nas Ordens de Cavalaria, como a do Templo.

O cavaleiro é aquele que se mantém fiel a si mesmo, que age conforme as leis da consciência, encontrando sempre o caminho justo diante das dificuldades que lhe são apresentadas, bem como diante das ameaças que pairam sobre os seres humanos do seu tempo e do seu ambiente.



Nos dias de hoje, um cavaleiro é aquele que age em harmonia consigo mesmo, enfrentando a aventura da vida com coragem. Ele não empunha mais a sua espada fisicamente, em lutas contra os outros, mas dedica a sua força e coragem à mais árdua das empreitadas: servir aos outros com simplicidade, humanidade e, acima de tudo, humildade.

O verdadeiro cavaleiro baseia o desempenho da sua missão — aquilo que cada um de nós deveria representar — no seu trabalho e esforço pessoal, sem recorrer ao desprezo pelos seus oponentes, mantendo sempre uma atitude respeitosa, tranquila e determinada, guiada pela honra e pela verdade. Esse é o autêntico Cavaleiro.

**A honra**, que outrora foi uma categoria ética central, aparece hoje como uma figura anacrônica, deslocada no contexto da modernidade líquida. Ser honrado tornou-se um gesto de resistência contra a fluidez e a fragilidade dos vínculos contemporâneos. O simples acto de cumprir uma promessa, por mais insignificante que pareça, transforma o indivíduo num resquício do passado, um vestígio arqueológico desajustado ao presente. A fidelidade à palavra dada, nesse cenário, torna-se um sinal de estranheza social, marcando aqueles que a praticam como uma presença anómala num tempo que privilegia a volatilidade.

Um Cavaleiro Templário, ou uma Dama, deve, portanto, cuidar das suas palavras, pois, nos dias de hoje, a palavra é a espada do Templo. O que se expressa verbalmente é o reflexo do que se é; logo, se não se honra a palavra, não se honra a si mesmo.

Honrar a palavra é ser consistente com o que se pensa e com o que se faz, sendo autêntico e respeitável tanto diante dos outros quanto perante si mesmo.

As palavras têm um grande poder criativo, capazes de gerar mundos, realidades e, acima de tudo, emoções. Com palavras, podemos salvar alguém, elevando sua auto-estima e transmitindo apoio, amor e aceitação. Contudo, também podemos destruí-las, minando suas esperanças, condenando-as ao fracasso e aniquilando-as.

Isso vale igualmente para nós mesmos: as palavras que proferimos, ou até aquelas que pensamos, moldam a nossa identidade a cada dia. Expressões de reclamação tornam-nos vítimas; a crítica impiedosa transforma-nos em juízes arrogantes.

Se tivermos plena consciência do poder das nossas palavras, saberemos usá-las com discernimento, sabendo que cada uma delas cria algo, e revela uma faceta de quem somos.

A palavra, na sua essência, é nossa espada; mas o aço da espada define-se pela têmpera da sua alma. No templarismo, o “*amor à verdade*” ocupa um lugar primordial, é a sua alma.

Não é fácil manter-se fiel à prática do templarismo autêntico, mas seria impossível se não houvesse o amor pela Verdade, que não se limita a uma verdade pessoal, mas à busca pela verdade universal.

Qual é, então, a verdade? Existem muitas verdades que, embora improváveis, são aceites como tal. Podemos encontrar os pesquisadores da verdade naqueles que proclamam amor e respeito por toda a criação.

O cérebro humano é incapaz de apreender toda a verdade.

A verdade que podemos explicar não é a Verdade Suprema. O caminho da luz, do amor e do serviço é o que nos leva à verdade.

No caminho da verdade, encontraremos ideias que podem parecer contraditórias, e somos nós os artífices que devemos distinguir o real do irreal. A cada momento, temos acesso à única verdade à qual temos direito, conforme o nosso nível de consciência e da nossa evolução. A humanidade precisa começar a buscar as grandes verdades, as mais inclusivas, para despertar, na sua totalidade, o amor incondicional, complementado com o conhecimento desapegado e o discernimento equilibrado, que nos permitirá servir de maneira simples, humilde e honesta.

Como bem afirmou São Bernardo de Claraval:

***“Acredita-me, encontrarás mais lições nos bosques do que nos livros. Árvores e pedras ensinar-te-ão o que não podes aprender com mestres.”***

O conhecimento adquirido nos livros não nos garante acesso à Verdade, mas pode fornecer as bases para a sua busca, desde que esse conhecimento seja vivido na prática do dia a dia.

Em algum ponto dessa jornada, podemos vir a ter uma ideia de Deus, do Inominável, o Grande Ser Cósmico, a alma deste planeta, que compreende todas as leis e energias que regem tudo o que é visível e invisível.

Podemos então compreender que a energia que nos conecta é a mesma para todos, embora o seu uso seja distinto. Daí a importância de purificar a matéria, pois é ela que determinará o veículo que conduz a energia e a força, a direção e a intenção com que ela é projetada, e consequentemente, haverá alguns efeitos que nem sempre veremos, com o qual, aqui e sempre, o desapego e o serviço altruísta deveriam funcionar.

Assim, a verdade é descoberta por aqueles que a buscam e se dedicam a ela com coragem e sem medo de sacrifícios. E, neste momento, acrescente-se: a verdade não é privativa de ninguém, mas sim o conjunto de todas as verdades do mundo.

O verdadeiro cavaleiro entende que a coragem não se mede pelos “gostos” nas plataformas digitais, mas pelo silêncio das escolhas feitas corretamente, mesmo quando ninguém está a observar. Mesmo sem aplausos, sem testemunhas e sem holofotes, **o Cavaleiro faz o que é necessário**. O verdadeiro cavaleiro reconhece que respeitar a tudo e a todos não é uma moda passageira imposta por forças políticas ou sociais, mas uma atitude natural, de quem compreende que toda a criação é uma força viva, que representa a origem e o destino de tudo.

Defender os mais fracos e oprimidos não é um acto de romantismo, mas sim um acto de justiça na sua forma mais pura e direta. O verdadeiro cavaleiro aprende que a verdadeira liderança não é impositiva, mas guia. Não dá ordens, mas põe ordem, onde a Ordem é necessária. **“O tempo, o velho alquimista que tudo ordena e rege, ainda saberá transformar o barro em bronze.”**

O cavaleiro do século XXI pode nunca ter empunhado uma espada, mas domina a arte do verbo justo, do olhar firme e da conduta recta. Ele caminha através do caos da atualidade com a serenidade dos antigos, sem buscar a vã glória efémera, sem exigir tributos ou exaltação. Sorri pouco, mas fala nos olhos e, no seu coração, ecoa sempre o cântico eterno dos que o precederam, com a obrigação de garantir que a corrente ancestral da cavalaria não se quebre.

Nas palavras de Bernard Shaw:

*“Tenho para mim que a vida pertence a toda a comunidade e, enquanto viver, é meu privilégio fazer o que puder por ela. Quero estar completamente esgotado quando morrer, pois, quanto mais trabalhar, mais vivo.*

*Regozijo-me com a vida por si só. Para mim, não é a chama efémera de uma vela, mas uma tocha portentosa que ergo bem alto e faço arder tão luminosa quanto possível, antes de a entregar às gerações vindouras.”*

**Enquanto houver um cavaleiro, a cavalaria estará viva e perpetuar-se-á pelo eco dos tempos. Onde estiver um Cavaleiro haverá sempre Honra e Verdade. ✘**

Fontes:

António Murillo

Diego Franzen

Fr+. Luís Alves Costa KPTJ

Preceptor de Penafiel

In Ordine Eques ad Veritatis Bellator

# SI VIS **PACEM** PARA BELLUM

# BELLUM **SINE** BELLO

*O*s temas que nos trazem aqui hoje<sup>1</sup> são de vital importância, não são trivialidades de fim de semana. Pode parecer que são cogitações de gente pouco ocupada e preocupações inconsequentes. Não se deixem enganar. Poucas coisas há para o nosso tempo mais consequentes do que a Cavalaria Espiritual ou a questão do Quinto Império.

Por isso devo começar por agradecer à Saudade – Associação na pessoa do seu Presidente Manuel Joaquim Gandra e dos muitos sócios que hoje aqui vejo, a iniciativa que nos traz a Mafra – essa Capital do Quinto Império –, bem como a verdadeira militância desenvergonhada por um assunto tão mal compreendido e que carece de tão grandes esclarecimentos como aquelas que hoje e amanhã poderemos conhecer. Estranho a ausência dos muitos que passam o ano a resgar as roupas em paixão pela Portuguesia, a invocar heterónimos de Pessoa, a recordar Agostinho da Silva e Monteiro Milhões, a passear em “maçónicos” Templos da Baixa Pombalina com palavras emprestadas mas que, chegado o momento, calçam as pantufas e são felizes à lareira. Aos que hoje aqui estão, bem hajam. No próximo ano, cá estaremos de novo.

Uma segunda palavra de agradecimento aos outros oradores, que disponibilizaram o seu tempo para nos “estimular a molécula cerebral”, propor a sua visão, abalar as convicções que já tínhamos e pôr-nos todos a repensar assuntos que já estavam encerrados. Bem hajam também.

E finalmente um obrigado a todos vós, que cá vieram ouvir-nos. Obrigado pela vossa paciência e pelo vosso interesse. Eu, pelo meu lado, vou fazer os possíveis para não vos deixar adormecer!

E quem sou eu, perguntarão muitos.

Aqui segue uma pequena introdução. O meu nome é Luis de Matos, estou ligado ao mundo dos sistemas de informação, com uma actividade em áreas como o Gaming, a cibersegurança e as novas tecnologias. No âmbito dos temas que aqui nos trazem hoje, sou autor de vários livros, alguns dos quais podem encontrar aqui hoje, interessado em temas relacionados com a Grande Tradição e a Cavalaria Espiritual. Aqui hoje estou também em representação de um ramo Templário, a OSMTHU, de que sou Grande Chanceler Internacional e o Grão Prior para Portugal. É nessa

---

<sup>1</sup> Conferência proferida por ocasião da Conferência Internacional “Hermética - Cavalaria - Quinto Império”, Mafra, 22 de Novembro de 2025.

qualidade que a minha comunicação será assinada, já que tenho assistido a um vazio intelectual e espiritual neste âmbito dos meus congéneres e penso que está na hora de os estimular, também a eles. Afinal, isto de corporizar uma Tradição quase milenar, dar a cara por ela, não se pode resumir a opíparos jantares e uns agradáveis passeios pedestres. Há também – e sobre tudo – o resto. E hoje vamos ao resto.

Contrariamente ao que é habitual, decidi não me fazer acompanhar por uma colorida apresentação em *Powerpoint*. Não foi por preguiça. Foi para que não me tomem por garantido. Este assunto presta-se a ser menosprezado por imagens. Prefiro que sejam obrigados a ouvir as palavras sem distração para que as fixem.

Ora, “*Si Vis Pacem Para Bellum*” é o tema. O remate é a divisa que Fernando Pessoa atribui à Primeira Parte da sua Mensagem – Brasão, ou seja, “*Bellum Sine Bello*”.

Temos portanto: “*Si Vis Pacem Para Bellum – Bellum Sine Bello*”

Trata-se de um adágio latino, que se refere à obra “*De Re Militare*” de Publius Flavius (século IV) que, traduzido em português significa: “*Se queres a Paz, prepara a guerra*”.

Esse é o tema de hoje. Se queres a Paz, prepara a Guerra.

Fui surpreendido esta semana pela notícia de que Durão Barroso, antigo Primeiro Ministro e antigo Presidente da Comissão Europeia, citou precisamente este adágio latino durante a sua intervenção no EuroAmericas Forum perante uma plateia de ilustres governantes, políticos e académicos de vários países. “*a única forma de evitarmos uma guerra generalizada na Europa é mostrar aos potenciais agressores que estamos preparados e que não terão sucesso*”, disse, referindo-se expressamente à Rússia.

Fazendo eco de outras vozes recentes, alertou para a provável necessidade de que os seus netos (referia-se aos nossos) venham a servir o exército de modo a defender os valores ocidentais, “*em perigo*”. Países como a Polónia e a Alemanha discutem a reintrodução do Serviço Militar obrigatório. Os Estados Unidos impuseram pesados investimentos em armamento já este ano aos seus parceiros da NATO – incluindo Portugal –, censurando fortemente a Espanha por se distanciar das metas estabelecidas de forma arbitrária pelos líderes da Indústria. “*Se querem Paz, preparem-se para a guerra*”, avisam. E, pela análise dos números, há muitos amantes da Paz. Tantos que, a defesa da Paz pela guerra é hoje a maior e mais lucrativa Indústria criada pela humanidade, muito à frente do tráfico de droga e da prostituição, concorrentes clássicas a esta posição. E não estarão todas elas, envolvidas umas nas outras?

Este é, então, um assunto presente. Ainda presente. Infelizmente ainda presente.

Deixem que vos conte um episódio.



“War and Peace”, versão cinematográfica de Sergei Bondarchuk, 1960

Sou um ávido leitor. Li quase todos os clássicos da literatura ainda muito jovem. Um dia, em casa dos meus sogros, vi um livro sobre o qual tinha muita curiosidade. Um grossíssimo volume, muito pesado e que metia respeito só de olhar, pelo calibre da edição (isto para usar um termo bélico!). Era o “Guerra e Paz” de Leon Tolstoi. Veio-me logo à cabeça: “*Si Vis Pacem Para Bellum!*”. Vou aprender umas coisas, pensei. Tirei o tijolo da prateleira, com duas mãos, e sentei-me numa poltrona de pele muito antiga, pronto para o deslumbre. Tolstoi, ora bem!

Comecei.

Aquilo era intragável. As personagens entravam e saíam das páginas sem serem caracterizadas, sem um contexto, com uma série de acontecimentos já em curso e coisas muito complicadas, manobras militares descritas ao detalhe, mas sem se perceberem as motivações, com soldados e cavalos a morrerem e carne a estilhaçar-se por todo o lado, entranhas de animais a escorrer pelas páginas e generais aos gritos, com umas frágeis senhoras a chorar pelos cantos e a fome a matar gente que eu nem sabia quem era mas estava descrita como se eu os conhecesse a todos. Um dó.

Ao fim de uma meia hora de um desfile incompreensível de protagonistas pousei o livro e fechei os olhos a ver se dava ordem na coisa. Nada. Estão este é que é o Tolstoi?

Foi nisto que, ao arrumar o volume para lhe pegar mais tarde, depois de processar a vertigem, notei que havia outro livro, ainda mais grosso do mesmo autor. Tirei-o. Era o “Guerra e Paz – Volume 1”. Ou seja, inadvertidamente, eu tinha tirado da prateleira o segundo volume! Por isso entrei na história a meio como quem sai de um comboio em andamento e se estatela ao comprido na gare! Por isso não tinha compreendido nada! Por isso era uma narrativa já a 200 à hora e eu a apanhar bonés a ver se percebia a coisa! Era o segundo volume. Ainda tinha largas centenas de páginas até apanhar o fio à meada!



Isto para dizer que não li. Confesso que não li o “*Guerra e Paz*”. Não consegui. Foi o único livro que, até hoje, não consegui ler. Mas não deixei de apreciar a ironia.

Entrar pelo segundo volume assemelha-se muito a nascer no nosso tempo. Também entramos já com o mundo a 200 à hora! Quando nascemos, a história já começou. Já conhecemos as personagens a meio do caminho. Os acontecimentos já todos têm precedentes e causas que nos ultrapassam e quando pomos o pé no chão, já a carruagem corre muito rápida e, ou corremos ao lado a todo o gás, ou podemos estatelar-nos se não temos cuidado!

E sendo assim, estando nós no segundo, no terceiro ou no quarto volume da História, com enredos que não são nossos, no meio de intrigas complexas, trapalhadas que nos ultrapassam, incidentes e maquinações que nasceram antes de nós, de que não temos culpa, o que fazer para chegar à Paz? Como passar do quarto volume desta história ao Quinto Império?

Este é o dilema que se põe a todo aquele que busca a Cavalaria Espiritual: num mundo que está condicionado pelos que ganham a sua vida a fazer a guerra - e são muitos - o que resta aos que querem viver a Paz? Guerra e Paz. Cinzas e labaredas. Sombras e luz. Se queres a Paz, prepara a guerra, dizem-nos.

Ora, o que tem o ideal Templário a dizer sobre isto?

Comecemos por reconhecer a natureza do problema. A nossa mente está fechada num ciclo de opostos que faz com que palavras como “Paz” engatilhem de imediato a resposta “Guerra”. E o contrário. Digo “Guerra” e a mente engatilha, em resposta, a palavra “Paz”. Podia ser “Frio” e “Quente”. Podia ser “Preto” e “Branco”. Ogilvy, o grande inovador da publicidade, dizia: “*Se o que tens para vender é água, abre o teu anúncio com fogo!*”. Não há como escapar a este mecanismo automático. Se queres a Paz, prepara a Guerra.

Ou será que, se queres Paz, não respondas ao gatilho? Não te deixes ir pelo impulso? Se queres Paz, sê Paz?

Esta ideia dos contrários que se geram mutuamente e respondem um ao outro em sucessão cíclica, é muito antiga. Platão na sua “*República*” defendia que as condições para a Paz são defendidas pela capacidade de fazer a guerra, se for necessário defendê-la.

No mundo grego clássico há também o paradoxo de Atenas e Esparta. É singularmente interessante. Vejamos: a cidade de Atenas tinha homens de cultura, de arte, tribunos e Filósofos, por isso era cercada por muros a toda a volta e a sua liberdade de pensamento era defendida vigorosamente por soldados que guardavam todas as entradas contra os intrusos. Para que houvesse Filósofos, era necessário que estes estivessem entre muros, presos por soldados. Mas em Esparta não havia muros. Todos os habitantes de Esparta eram soldados. Todos defendiam a sua cidade. Todos tinham lanças, escudos e espadas. Não eram precisos muros. Por isso não havia Filósofos. Só havia soldados. E, se bem que todos eram livres de

circular porque se podiam defender e lutar pela liberdade da sua cidade, ninguém era livre de pensar porque tinha de cumprir com a sua função militar, de soldado.

Se queres Filósofos, prepara soldados para os defender. Se queres liberdade, constrói muros para a guardar.

Esta doutrina de paradoxos aparece-nos na Filosofia como o Paradoxo da Tolerância. Ou seja, se uma sociedade estende a tolerância àqueles que são intolerantes, corre o risco de permitir o domínio da própria intolerância, minando assim o seu princípio.



Este paradoxo foi articulado pelo filósofo Karl Popper em 1945 a propósito do anti-semitismo. Argumentava que uma sociedade verdadeiramente tolerante deve reter o direito de negar tolerância àqueles que promovem a intolerância. Popper postulou que, se as ideologias intolerantes tiverem permissão para se expressarem sem controlo, elas podem explorar e subverter os valores da sociedade aberta para corroer ou destruir a própria tolerância, através de intolerantes práticas autoritárias ou opressivas.

É que, meus amigos, isto aqui não é o Bangladesh. Ora que não!

Este paradoxo levanta questões complexas sobre os limites da liberdade, especialmente no que diz respeito à liberdade de expressão e à protecção dos valores democráticos. Tem implicações concretas e muito actuais nos debates sobre o discurso de ódio, da violência política, do extremismo político.

Platão, mais uma vez na “*República*”, aponta a contradição inerente à liberdade sem limites, porque esta implica a liberdade de limitar a liberdade dos outros. Platão argumenta mesmo que a verdadeira democracia, no limite extremo, conduz inevitavelmente à tirania. É frequente, historicamente falando, ver a tirania emergir em resultado de processos democráticos, em situações de paz. “*Se queres Guerra, prepara a Paz*”, diríamos. Porque uma Paz podre, frágil, indefesa, descamba em guerra segura.

Desde os tempos clássicos que a defesa intransigente dos valores da Paz pela força e a ordem está presente. Heraclito postulava: “*O conflito é o pai de todas as coisas.*” Em boa verdade, sem conflito não há transformação, não há aperfeiçoamento. Sem conflito, tudo estagna, tudo se mantém imutável, nada evolui. Para que o que é imperfeito possa aperfeiçoar-se, tem de saber separar – extirpar – aquilo que o apequena e apouca. Este é um acto de conflito, de guerra.

A Cavalaria Espiritual assume inteiramente este princípio: o combate é interior, contra a desordem, a ignorância e o medo. Do bom combate nasce a ordem. A Paz é uma forma de ordem, porventura a mais elevada de todas. O cavaleiro que evita o conflito torna-se cúmplice da injustiça. Toda a Virtude se mantém pela firmeza. É dos Códigos antigos, que Virtude sem força não passa de uma piedosa decoração moral.



*Khan Younis, Gaza; Palestinos fazem fila para receber alimentos distribuídos pela Associação Cansuyu no distrito de al-Mawasi. Fotografia: Abed Rahim Khatib/Anadolu/Getty Images (c) 2025*

Ora, já afirmava John Stuart Mill: “Para que o mal vença basta que os homens de bem nada façam.” O silêncio dos bons é o triunfo do mal. Mas ser pacífico não é o mesmo que ser passivo. Advém da análise da História dos Templários a clara noção de que a paz exige coragem e acção — não a violência, mas uma vigilância combativa.

Quem ama a Paz sabe que se deve preparar para a guerra vigilante. Sabe que deve preparar-se para a calúnia, para a mentira, para a traição. A contemplação da Paz provoca uma reacção nas forças que a rejeitam. Qual deve então ser a atitude de Cavaleiro? O que podemos – não, rectifico – o que devemos fazer? Porque de dever se trata.

Já oportunamente escrevi sobre isto: “A Ordem do Templo é generosa, porque desde a primeira hora deixou explícito o seu propósito: juntar numa só pessoa o homem militar e o homem religioso”. A Guerra e a Paz. Como se fosse trivial enxertar uma Via na outra.

Ora, é René Guénon quem nos assegura que a Via Iniciática (como é a Militar) é incompatível com a Via Mística (como é a Religiosa). São Água e Azeite. Não se misturam. Não se tocam sequer. Contudo, essa absoluta contradição em termos, esse paradoxo de corporizar a guerra e viver a Paz era desenlaçado pelos Templários. Vêmo-lo em Hugo, em Gualdim, flagrantemente no Infante. Amor e Temor em equilíbrio. Honra e Serviço na acção. Mas, muita atenção: não só Amor. Não só Temor. Não só Honra de Militar ou Serviço de Monge. Ambos, sempre ambos. E esse, caros amigos, é o desenlace.

“Se queres a Paz prepara a Guerra”, é o mecanismo do mundo. O modo como funciona a máquina automática, que responde ao insulto com a retribuição. A

máquina que massacra e esmaga tudo e todos porque houve um 7 de Outubro, que já sequestrava e assassinava a oito porque houve ocupações ilegais e ser ergueram muros, que haviam em abundância entre mortos e inocentes por ter havido uma intifada, que... que... há sempre uma causa anterior, uma cadeia de guerra e paz, inquebrado ciclo há séculos, sem término, mecanismo infernal do holocausto renovado e invertido por ironia. Se queres Paz e preparas a guerra, terás Paz, seguida de Guerra.

Para o Templo, o Militar e o Religioso não são fins em si mesmos. Não são polaridades inevitáveis, comportamentos em sequência, que se seguem um ao outro, em alternância, mas sim naturezas iguais em potência que é necessário nutrir. Uma não anula a outra. Uma não prepara a outra. A uma não se sucede a outra. Ambas, de igual força e sinal contrário, permitem a ascensão de um TERCEIRO estado, esse sim, o fim desejado da Graça.

Recordai as palavras do Evangelho: “Envio-vos como ovelhas para o meio dos lobos. Sede mansos como as pombas, mas espertos como as serpentes.” (Mateus 10:16)

Essa é a Via do Templo. Nem Iniciática, nem Mística. Um terceiro caminho que se abre apenas no ponto de equilíbrio dos dois. Não no ponto de anulação de um pelo outro. Mas sim no ponto de máxima força de um e do outro. Leão e Cordeiro. Como Jesus, o Cristo, Leão de Judá e Cordeiro de Deus. Sem contradição, uma só pessoa e duas naturezas em manifestação. Nenhuma se sobrepõe à outra. Nenhuma suplanta a outra. Nenhuma eclipsa a outra. Sol e Lua em conjunção plena, sem a qual a coroa resplandecente não se vê.

A assim, muda o paradigma.

Ao “*Si Vis Pacem, Para Bellum*”, se queres Paz prepara a Guerra de Publius, responde o Templário: a Guerra sem Guerra. Nas preclaras palavras de Pessoa, a divisa, a linha que divide o chão à nossa frente, entre o atávico inconsciente mecânico e o desperto Templário, diz-se: BELLUM SINE BELLO – A guerra sem luta.

Aquele que quer a Paz não precisa preparar a Guerra. Aquele que quer a Paz tem de viver a Paz, respirar a Paz, comer a Paz, metabolizar a Paz, digerir a Paz, vibrar a Paz, cantar a Paz, fazer a Paz e, sobretudo, mesmo quando tudo parece perdido, SER A PAZ.

Possamos todos viver em pleno o “*Bellum sine Bello*”.

Não a nós Senhor.



Luis de Matos  
Eques a Flamula Veritatis  
Grão Prior

# Q&A – QUESTÕES E ANÁLISE

**C**ontinuem a chegar muitas perguntas às nas nossas Questões & Análise. Muitas são dos nossos Irmãos que se vão confrontando com dúvidas à medida que vão estudando o material dado pela OSMTHU e frequentando os nossos Cursos ou as Instruções de Cavalaria pelo Grande Preceptor. Outras chegam-nos de Irmãos de outros ramos da Ordem, em busca de clarificação para temas em que não conseguem progredir. Há também alguns temas propostos por leitores deste Boletim que se aproximam da Ordem mas não são ainda membros. A todos prometemos que, aos poucos, tentaremos dar as respostas que estejam ao nosso alcance. Entretanto se houver algum assunto em especial que gostassem de ver num próximo Q&A, podem enviar um email para [secretariado@seculartempli.org](mailto:secretariado@seculartempli.org)

**Q – Ultimamente tem-se falado muito da necessidade de ter “resiliência”. Percebo que o Cavaleiro deve ser resiliente. Mas nas fontes medievais sobre os Templários não encontro este termo. Os nossos irmãos Templários não cultivavam a resiliência?**

De facto, a linguagem de Cavalaria usa um outro termo para este conceito. Não encontraremos a palavra “resiliência”, que é um anglicismo recente e de algum modo incompleto. Mesmo em fontes anglicanas a palavra tradicional está presente: a um Cavaleiro pede-se que seja PERSEVERANTE. A Perseverança é dada como uma chave na Cavalaria Espiritual. Vamos procurar compreendê-la melhor.

A palavra “perseverança” aparece logo no Prólogo da Regra Primitiva da Ordem do Templo, aprovada em 1129/9 no Concílio de Troyes, ao seu ponto #2:

*“Acima de todas as coisas, todo aquele que deseja ser um Cavaleiro de Cristo, escolhendo tão sagrada ordem, deve, na sua profissão de fé, unir pura **diligência** e firme **perseverança** — virtudes tão dignas e tão santas, e reconhecidas como tão nobres — que, se forem preservadas sem mancha, para sempre, merecerá fazer companhia aos que entregaram as suas almas a Cristo.”<sup>2</sup>*

A palavra “diligência” deriva do latim *diligentia*, que significa cuidado, atenção e zelo. O termo evoluiu do latim *diligere* (amar), com o sentido de “aquele que ama” e “gosta de algo”, expressando o carinho e prontidão com que se busca realizar uma determinada tarefa. É o gosto de fazer e servir. O sentido prazenteiro de cumprir a sua missão com alegria. É a raiz da divisa “*talento de bien faire*” usada pelo Infante

---

<sup>2</sup> “Regra Primitiva da Ordem do Templo”, Troyes, 1128/9

D. Henrique, “*talento de bem fazer*”, “*talento de fazer diligentemente*”, “*talento de fazer o bem, bem*”, por assim dizer. Essa diligência deve ser pura, suportando a “*perseverança*” como o caule suporta uma flor.

Ora, a palavra “*perseverança*” vem igualmente do latim. Pode dividir-se em duas ou em três partes. Vejamos:

*Per + severus = ou seja “por” (através de, por intermédio de) e “severo” (sério, estrito). Assim, “por intermédio do que é severo”, “por intermédio do que é estrito”, ou seja, do que não é difuso, do que é duro, difícil, concreto e absoluto. Do que busca o Absoluto.*

E ainda:

*[Per + se] + verus = ou seja “per se” (por si mesmo) e “vero” (verdadeiro, verdade). Aproximar-se do que é verdadeiro pelo esforço de si mesmo. Aquilo que é verdadeiro por si mesmo, sem auxílio ou adjectivação. O que É (sem mais). Tal como em Persival temos “Per-se-vale” (por si vale ou vale por si mesmo), aqui temos o esforço de chegar à verdade pela própria força do Cavaleiro. A Verdade que é o Verbo (ser).*

A Perseverança como Virtude de Cavalaria é, deste modo, a prática de buscar a Verdade, o que é real e verdadeiro como luz única que norteia a nossa acção, a qual é livre e é dirigida apenas pela nossa Vontade (Per se). E é pela Vontade, pelo seu domínio, como rédeas de um cavalo teimoso, que quem tem Perseverança alcança o que procura, apesar de todas as dificuldades.

Mais do que ser “resiliente” (resistente, capaz de sofrer mas ainda assim, caminhar) a Perseverança indica o alcançar de um estado Gnóstico (de gnose da Verdade) em experiência absolutamente pessoal e, por isso, intransmissível.

Então, revelando o significado do citado ponto #2 da Regra Primitiva, quem é puro na Diligência (no amor e alegria ao Serviço) e firme na Perseverança (constante na aplicação da sua própria Vontade em direcção à Verdade) é digno da companhia (de ser um Companheiro, um *comilitone*) dos que entregaram as suas almas a Cristo.

Enquanto a resiliência é resistir (pode ser simples teimosia), a Perseverança é não resistir. Não resistir à Luz, não resistir ao Destino. Não resistir ao Telos. É deixar-se activamente invadir pela Verdade como um sol resplandecente ao meio-dia, procurá-la com alegria e aceitar os trabalhos – duros ou prazenteiros, difíceis ou fáceis – que saiam ao caminho. Resiste quem tem forças, mas persevera quem vive [pel]a Verdade.

Perseverança é, assim, Virtude de Cavalaria.



**Q – Não está escrito “Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a direita”<sup>3</sup>? Por que motivo os actos de caridade da Ordem são públicos e não discretos e anónimos?**

Há muitos actos caritativos da Ordem e especialmente dos seus membros, que são espontâneos e anónimos. Não são registados nem divulgados. A compaixão pelos mais necessitados faz parte do modo de ser do Cavaleiro e não carece de publicidade. É frequente encontrar membros da Ordem que, nas suas relações sociais ou no âmbito da sua comunidade, se envolvem de maneira voluntária e ajudam obras locais, sendo muitas vezes o motor que as mantém vivas e activas. “Fazer a diferença” podia ser a sua divisa. Esse é um trabalho pessoal, compromisso assumido de forma livre no dia da Armação.

*“Como Cavaleiro/Dama, tal como é tradicional, declaro publicamente o meu compromisso de **defender** sempre, todos os dias da minha vida, **os mais fracos**, os órfãos, as viúvas e os oprimidos. Comprometo-me a contribuir para dar voz aos que não são ouvidos, destacar os que são escondidos, dar força aos que não têm amparo e esperança aos que desistem. Serei cortês e ponderado, prudente e conciliador nas minhas palavras. Não calando a injúria, serei sobretudo justo com os outros como desejo que sejam justos comigo mesmo”*

Compromisso público de Cavalaria Templária Secular

Como foi devidamente enquadrado durante a cerimónia, este compromisso é público. Não é uma promessa entre amigos, nem um pacto secreto que só vale entre correligionários, nem uma piedosa aspiração. É uma declaração feita em voz alta, mão no coração, frente ao mundo e para o mundo. É a Cavalaria que se mostra através da conduta do Cavaleiro. Esta, por isso, não pode ser secreta porque a

---

<sup>3</sup> Mateus 6:3 “Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita; para que a tua esmola seja dada em segredo; e teu Pai, que vê em segredo, ele mesmo te recompensará publicamente.”

Cavalaria Espiritual, ainda que sendo íntima e viva protegida no coração de cada um, tem por missão **MUDAR O MUNDO**. Ir ao mundo. Interagir com o mundo. Curar o mundo, no sentido mesmo do curador (como cuidador). É seu papel mostrar-se porque, ao fazê-lo, dá alimento à Esperança. Os que deseperam, têm na Cavalaria a imagem da Esperança. Sabem que os seus tormentos têm um fim. Sabem que a ajuda está próxima. Para que o saibam, a ajuda não pode ser escondida. O Sétimo de Cavalaria anunciava-se com cornetins e fanfarra quando carregava sobre os bandidos que sitiavam um forte, a Cavalaria Celeste é precedida por estridentes trombetas. Ninguém fica indiferente e ninguém fica com dúvidas: a Cavalaria muda tudo quando chega.

Por outro lado, quando acendemos uma luz, não a tapamos. É para iluminar. A Cavalaria mostra-se para inspirar outros a assumir o mesmo compromisso. Não o pode fazer se estiver escondida. Nada mais gostavam as trevas, que a luz não mostrasse o seu efeito! A Caridade é o fruto do trabalho espiritual interior e do compromisso de Serviço do Cavaleiro. Não é a finalidade da Ordem. Não é um fim em si mesma e por isso não pode ser um item numa lista de tarefas. É, isso sim, um dos perfumes que ela exala através da acção dos seus membros. Resulta da fartura dos dons de Deus. E o perfume, como todas os frutos da abundância celeste, não se consegue esconder.

É isso que significa o nosso compromisso público.

É claro que na vida privada somos (e nos mantemos) discretos. Sabemos que não é o agradecimento que vale, mas o acto em si de transformar a vida de alguém. Como anónimos, anónimos somos. Mas quando actuamos como a personificação da Cavalaria Templária, é nosso compromisso que a luz se mostre. Quando somos a cara de uma instituição que é maior do que nós, não temos o luxo de ser anónimos.

Recordemos o “*Livro da Ordem de Cavalaria*” de Ramon Llull. Diz-nos:

*“Para fazer cavaleiro **convém uma festa** das honradas do ano, **para que** pela honra da festa **se juntem muitos homens** no dia e no lugar onde o escudeiro deve ser feito cavaleiro (...). Depois de o cavaleiro espiritual e do cavaleiro terreno terem cumprido o seu ofício de fazer um novo cavaleiro, o novo cavaleiro deve cavalgar e **deve mostrar-se às pessoas** para que **todos saibam** que ele é cavaleiro, e **que se obrigou a manter e a defender** a honra de cavalaria; porque quantas mais pessoas souberem da sua cavalaria, maior refreamento terá o novo cavaleiro para fazer qualquer falta que seja contra a sua ordem. Nesse dia deve ser feita uma grande festa, fazer convites bafordar, e as demais coisas que são próprias da festa da cavalaria. (...) E o novo cavaleiro deve dar nesse dia, porque quem tão grande dom recebe como é a ordem de cavalaria, a sua ordem desmente se não dá conforme deve dar.”<sup>4</sup>*

---

<sup>4</sup> In “Livro da Ordem de Cavalaria” na sua Quarta Parte “Que Mostra a Maneira Como um Escudeiro Deve Receber a Ordem de Cavalaria”, Ramon Llull

Deve notar-se que Ramon Llull sublinha que “*quantas mais pessoas souberem da sua cavalaria, maior refreamento terá o novo cavaleiro para fazer qualquer falta que seja contra a sua ordem*”. E uma das faltas frequentes é a da soberba e da comodificação da solidariedade. Ou seja, ao fazer acções solidárias e beneficentes com ostentação e soberba, ou reduzindo os mais necessitados a objectos passivos, o Cavaleiro trai a sua Ordem. E, nesse sentido, o acto anónimo é uma defesa contra esta grave falta.

O que é então a comodificação da caridade? É fazer das necessidades uma mercadoria, que se compra e vende e dos necessitados, peças ou coisas, sem dimensão humana. Sem dignidade. Vêmo-lo frequentemente em organizações humanitárias que exercem a caridade como um serviço. Não têm como objectivo reparar as carências, nem capacitar os que sofrem, mas sim gerir as necessidades de modo a manter-se relevantes.

A objectificação do outro ocorre quando a dignidade humana não existe. Está nas fotografias do Instagram onde a miséria é exposta como espectáculo, aberta à bisbilhotice dos que nunca a enfrentariam cara a cara. Ali onde a solidariedade é uma generosa esmola de alguém magnânimo, em posição superior sobre a massa informe e sem individualidade.

Estas são graves faltas para a Ordem de Cavalaria e são algumas das que o Cavaleiro se deverá defender. O anonimato é, de facto, uma protecção contra a baixeza humana. Por isso é prescrito como remédio. Contudo, o Cavaleiro não tem esse luxo. É seu ofício mostrar a Cavalaria no mundo.

Não faltam exemplos para que siga. Quando São Martinho, nas estradas de Roma, encontrou um pedinte a morrer de frio, desceu do cavalo e rasgou o seu manto em dois, dando uma parte ao penitente para abrigo, que se revelou ser o próprio Cristo. Não atirou o manto do alto do cavalo. Não. Desceu, ajoelhou-se junto do que sofria, olhos nos olhos, ao mesmo nível e, aí sim, estendeu a sua capa.

Este é um gesto central na caridade: fazê-la ao nível de quem a recebe. Olhos nos olhos. De ser humano para ser humano. Saber sujeitar-se ao pó, à lama se for preciso, ao desconforto. Caridade sem empatia não é de Cavaleiro.

Não se trata, portanto, de jogar moedas de ouro, de mostrar que se é “de bem” e se tem posses, de deixar o nome gravado na história. O Cavaleiro pode ser anónimo. A Cavalaria não tem o luxo de o ser.

Resta-nos então perceber que lições tem o Evangelho para nos ensinar, quando em Mateus se advoga pelo anonimato. Mas será mesmo assim? Vamos conhecer com mais pormenor.

Os Evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus não são textos sincrónicos, ou seja, não apresentam um conjunto de instruções e valores no seu conjunto à nossa reflexão; são sinópticos, porque nos apresentam a revelação cristológica numa sequência temporal. É uma revelação gradual. Além disso não apenas nos falam dos ensinamentos de Jesus



aos seus discípulos, como nos falam do que Ele disse às multidões, nomeadamente aos que se fazem passar por judeus observantes (e o não são). Têm, portanto, dois destinatários diferentes.

É nesse contexto, falando às multidões, que temos as seguintes passagens:

*"Se o teu olho direito te serve de pedra de tropeço, arranca-o (...); pois te convém mais que se perca um dos teus membros, do que todo o teu corpo seja lançado no inferno. Se a tua mão direita te serve de pedra de tropeço, corta-a (...); pois te convém mais que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo vá para o inferno. (...) Não façais as vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles; (...) Quando, pois, deres esmola, não faças tocar a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem honrados dos homens; (...) tu, porém, quando dás esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita, para que a tua esmola fique em segredo."* (Mateus 5 e 6)

Dirige-se então **aos que se fazem passar por crentes**, chamando-lhe "hipócritas das sinagogas". E diz-lhes que o que fazem é feito por eles em total responsabilidade, mesmo que o façam com uma mão e a outra não saiba. O que fazem mal com uma, a outra não redime. Mais vale cortá-la! Porque ela vai fazer perder as duas. É esse o contexto.

Ou seja, a multidão tem hipócritas que, frequentemente, procedem mal nas suas vidas, mas estão à espera de que as poucas vezes em que fazem o bem, este apague o mal que fizeram. É a eles que diz: "*corta a tua mão*", pois te convém mais que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo. Uma onça de corrupção corrompe tudo.

E acrescenta: "*Não façais as vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles*". Quando os hipócritas fazem soar as trombetas para que se veja o bem que vão fazer, estão a subverter a intenção e a manchar a "*boa obra*", que deixa de ser boa **PELA INTENÇÃO** (é feita para que se saiba) e não pela obra em si mesma e pela sua virtude. O que é condenável, na voz do Senhor, **não é que se saiba**, é que se anuncie **a hipocrisia**.

A defesa que Ele recomenda para a hipocrisia da multidão é que façam as boas obras sem que se saiba. Ou seja, **sem o incentivo egoísta**. Conseguem eles fazê-lo sem se manchar? Fala das multidões. Não fala para os seus. Os seus têm outra métrica diferente e regem-se por um imperativo diferente.

Então vejamos.

O que sabemos acerca das boas obras e do Senhor? Eram feitas em segredo? Era Ele e os seus discípulos, hipócritas?

Sabemos que os milagres que fez foram conhecidos para que se vissem e fossem os sinais de quem era. Por exemplo:

*"Tendo João [Baptista] (...) ouvido falar das obras de Cristo, mandou-lhe dizer pelos seus discípulos: Sois vós aquele que deve vir, ou devemos esperar por outro? Respondeu-lhes Jesus: Ide e contai a João o que ouvistes e o que vistes: Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, o Evangelho é anunciado aos pobres..." (Mateus 11)*

Portanto, os milagres não são para fazer em segredo. Nem para manter em segredo. São o testemunho vivo da identidade de Cristo. Ele o disse.

E o que diz, então, o Senhor sobre o que é feito em segredo, em círculo fechado, como fruto do seu ensinamento? É aqui que o carácter sinóptico dos Evangelhos assume um papel crítico. Há um momento em que tudo muda. Um momento em que Cristo manda os seus Discípulos (**nós todos**) dar a boa nova ao mundo. O que foi dito até aquele momento passa a ter uma nova instrução, urgente:

*"Ponde-vos a caminho, pregai que está próximo o reino dos céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demónios; (...) Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos (...) O que vos digo às escuras, dizei-o às claras; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o do alto dos telhados." (Mateus 10)*

Quando os discípulos, no mundo, fizerem a Sua obra (curar os enfermos, limpar os leprosos, dar a sua esmola ou ajudar os mais necessitados de modo duradouro e não em hipocrisia, com uma esmola envergonhada), devem "pregar", devem "dizê-lo às claras", "proclamá-lo bem alto".

Remata-se o assunto com o seguinte:

*"Ninguém acende uma lamparina para colocá-la debaixo de um cesto. Pelo contrário, ela é colocada no lugar próprio para que ilumine todos os que estão na casa. Assim também a vossa luz deve brilhar para que os outros vejam as coisas boas que fazem e louvem o vosso Pai, que está no céu." (Mateus 5)*

São dois tempos da mensagem e dois destinatários. A obra deve ser escondida para não ser dominada pela hipocrisia, até que (e para que) seja autêntica. Esse era o tempo antigo. Mas este é outro tempo, de outras gentes. É tempo de nos pormos a caminho e de colocarmos a lamparina onde todos as vejam. ✘

# LIVROS CONFERÊNCIAS E PUBLICAÇÕES

Manuel J. Gandra

SEGREDOS NÁUTICOS E  
MARÍTIMOS NA HISPÂNIA  
DESDE A PRÉ-HISTÓRIA

NAUTICAL AND MARITIME  
SECRETS IN HISPANIA  
SINCE PREHISTORY



HISTÓRIA MÍTICA DE PORTUGAL \* 2

**“SEGREDOS NÁUTICOS E MARÍTIMOS NA HISPANIA DESDE A PRÉ-HISTÓRIA - Acerca do conhecimento precoce (Pré e Proto-histórico) dos Açores, Madeira e América”**

*Ed. Manuel J. Gandra*

Reputo as tradições consignando a existência de ilhas míticas, ou fantásticas, no “mar Oceano” ocidental, originárias de épocas assaz remotas, eventualmente do Paleolítico (entre c. 20000 e 10800 a. C.), constituindo reminiscências de avistamentos e visitas concretizadas no decurso de migrações permanentes, ou simples deslocações sazonais, quando os gelos da última glaciação formavam uma ponte natural, ligando a Europa à América.

As cosmologias do Neolítico, do Eneolítico e do Bronze Atlântico, nada mais fizeram que actualizar reminiscências arcaicas de tais périplos, tornando plausíveis muitos dos

alegados contactos insulares, atlânticos e transatlânticos, os quais originaram tradições perenes na Macaronésia e além-Atlântico, bem como na mitologia dos povos da fachada Atlântica da Europa (Portugal – Galiza – Bretanha – Gales – Irlanda - Escócia - Báltico) e da África, até à Costa da Guiné (Benim).

Durante a Idade do Ferro, de resto como antes no Bronze Final, habitantes dos castros da Península Ibérica possuíam já a tecnologia necessária (embarcações) que lhes permitiam navegar em alto-mar.

Além de bastas evidências, materiais e imateriais, relativas a esses conhecimentos náuticos, este livro apresenta notas sobre fontes primárias e cartografia, com informação inesperada que não deveriam consignar.

Edição bilingue, Português e Inglês ✘

Pedidos: [manueljgandra@gmail.com](mailto:manueljgandra@gmail.com)

# AGENDA



## **JANEIRO 30, 31, FEVEREIRO 1**

*IX Jornadas Templárias para o Conhecimento Ecuménico*

*I Curso Templários e Templarismo- Arcana Templi 2026*

Auditório da Câmara Municipal de Lagos

Paços do Concelho, Lagos

Programa neste Boletim



## **FEVEREIRO 21**

*Conferência e Exposição*

Auditório da Fundação Livraria Lello

Mosteiro de Leça do Balio, Leça do Balio

10h30 Apresentação “Os Templários e Portugal”

Inauguração da exposição acerca da Ordem do Templo e do ramo OSMTHU e seu trabalho



## **MARÇO 14**

*Cerimónia de Armação Secular e Comemoração da Fundação da Ordem de Cristo*

Igreja do Castelo de Castro Marim

Todo o dia. Informação em detalhe será enviada por carta.

Cerimónia e jantar é aberto a família e amigos.



## **ABRIL 24, 25**

*Cerimónia de Armação Secular*

St Etheldreda's Church, Holborn

Londres

Todo o dia. Programa a ser enviado por circular.

# FORMAÇÃO – TEMPLÁRIOS E TEMPLARISMO

**R**etomando uma antiga prática, a Ordem irá organizar um Seminário de Formação dirigido a todos aqueles que estão ligados à corrente de Cavalaria, seja por desejo, seja por terem sido armados num dos ramos templários modernos, seja ainda por ter um interesse pelo tema.

Não abundam as fontes de informação contemporâneas e a literatura disponível está cheia de fantasias infundadas. Já o tratamento académico termina inevitavelmente com a Ordem medieval e a sua “extinção” no século XIV, já que, no domínio estritamente histórico, o prolongamento na Ordem na Ordem de Cristo e os muitos movimentos de inspiração templária dos séculos XVIII, XIX e XX, embora amplamente documentados e factuais, não encontram em Portugal quem lhes dê o tratamento erudito técnico que merecem, por exemplo em França, na Bélgica ou no Reino Unido. Nem mesmo a Sociologia, a Filosofia, a História de Arte ou a Literatura se têm ocupado do nutrido material disponível. Assim, resta-nos dar o nosso modesto contributo.

Teremos 4 Módulos de Formação por Fr+ Luis de Matos, Grão Prior Geral e pelo Fr+ Victor Varela Martins, Comendador de Lagos. Além disso teremos ainda as Jornadas Templárias para o Conhecimento Ecuménico, que vão já na sua 9ª edição. O tema será “*O Hábito Faz o Monge?*” e terá intervenções dos Formadores e de oradores convidados, entre eles Frei Fernando Ventura (frade Capuchinho), o Filósofo e autor Manuel J. Gandra, o Padre Carlos Aquino, e os I+ Jaime Ramos, KTJ e Fr+ José Carlos Mateus, GOTJ e Grande Preceptor. Aqui fica o Programa em detalhe:

## **Sexta-feira, 30 de Janeiro de 2026**

- 21:00 1º Módulo de Formação  
> *A Cavalaria Medieval e a Cavalaria Templária*  
> *De Palaprat à História actual do Templo*  
> *O que implica ser Cavaleiro hoje? E ser Templário?*

## **Sábado, 31 de Janeiro de 2026**

- 10:00 2º Módulo de Formação  
> *Propósito e Missão*  
> *Cavalaria e Eixo da Ordenação Divina no mundo*  
> *A expressão trina do Cavaleiro*
- 12:30 Almoço livre
- 14:30 9ªs Jornadas Templárias para o Conhecimento Ecuménico  
> *Tema: “O Hábito faz o Monge? – viver por vocação”*  
> *Oradores convidados, momento musical, atribuição de Graus Honoríficos*

- 21:00            3º Módulo de Formação  
                    > *Dinâmica de grupos*  
                    > *Ordem vs Associativismo*  
                    > *Templar Corps*  
                    > *Ramos da Ordem*

**Domingo, 01 de Fevereiro de 2026**

- 10:00            4º Módulo de Formação  
                    > *Formação continuada e capacitação do Cavaleiro*  
                    > *Exercícios e dinâmicas de grupo*  
                    > *Palavra aos participantes*

A Formação é um dos pilares fundamentais do trabalho da Ordem nos dias de hoje. Inscreve-se nos deveres do Cavaleiro em manter viva a corrente de Tradição. Não é possível amar a Cavalaria e colher inspiração na Ordem dos Templários sem melhor conhecer a sua rica história, bem como as múltiplas faces em que o seu *múnus* se expressou, como a Filosofia, a Arte, a Literatura, a Arquitectura, etc. É um vastíssimo campo, muito inexplorado e muitas vezes surpreendente, que espera todos os que se procurem saber um pouco mais.

Por outro lado, quando a Ordem propõe oportunidades de desenvolvimento pessoal aos seus membros, transmite uma mensagem clara de que a sua contribuição é valorizada. Este conhecimento contribui para que a Ordem seja uma entidade viva e vai muito além do desempenho imediato de função em que os membros estejam investidos. A Formação sinaliza que a organização reconhece os seus Irmãos como activos a longo prazo, capazes de contribuir para o seu crescimento e trabalho no mundo.

As oportunidades de Formação e desenvolvimento contribuem para que os Cavaleiros e Damas compreendam que o seu papel não está realizado uma vez tenham sido Armados. Esse é apenas o início de um percurso que pode ser muito longo e gratificante. Este sentido de direcção e progressão incentiva-os a ver o seu papel não como algo estático, mas como parte de um percurso pessoal mais amplo na Ordem. Quando as pessoas percebem que a Ordem apoia a sua ambição de atingir o pleno potencial, de contribuir com o seu conhecimento, esforço e dedicação, o seu sentido de propósito é significativamente reforçado e o tempo que dedicam aos trabalhos de Cavalaria torna-se ainda mais apetecível.

Deste modo, a OSMTHU tem conduzido um programa de formação extenso por intermédio da Academia do Templar Corps International, em que dezenas de formados ao longo dos últimos três anos têm aprofundado os seus conhecimentos. Desta vez o desafio é abrir as portas ainda mais. Incluir todos os que possam militar nos diversos ramos da Ordem em outras denominações (OSMTH; OSMTJ; OSMTH-MM; OPCTJ; etc.). A matéria da Formação é abrangente e não doutrinal. Por isso é adequada a todos e todas que queiram ir um pouco mais além do exercício de vestir uma bela capa e celebrar jantares fraternais. É um passo indispensável a todos os que desejam – nas suas organizações – isoladamente ou em grupo, viver mais intensamente a Ordem do Templo hoje, junto a outros seus Irmãos. Por vós esperamos. Informações: [secretariado@seculartempli.org](mailto:secretariado@seculartempli.org)

# ENTRE IRMÃOS - ROSTOS DO TEMPLO



## **D+ Sandra Oliveira, DTJ**

Membro da Comenda de Laccobriga  
Armação em 2016

A Irmã Sandra Oliveira vive em Lagos, cidade onde tem desempenhado funções públicas de relevo, designadamente como Vereadora da Câmara Municipal da cidade. Licenciada em Educação Especial e Reabilitação, tem-se dedicado a um público de maior dependência e necessidades, o que preenche a amplitude humanista de toda a sua jornada de vida. É ainda profissional da área da Saúde Natural e Integrativa, com licenciatura em Medicina Chinesa e diplomada em Naturopatia, é Mestre em Psicologia e tem um doutoramento em Medicina Chinesa, cuja prática clínica é orientada para a prevenção, o equilíbrio e a promoção da saúde global do ser humano.

O seu compromisso com o serviço público vem de longe. Além da vereação já referida, que durou mais de 6 anos, tem um percurso amplo no associativismo e no comércio local, em projectos cívicos, sociais e culturais e em iniciativas de desenvolvimento humano e de empreendedorismo, entre outros.



Dedica o seu tempo de crescimento pessoal à leitura espiritual e humanista, ao contacto com a Natureza, às caminhadas, ao cinema, às práticas de recolhimento interior, não esquecendo o convívio familiar e a participação em actividades culturais e comunitárias na sociedade local. Está casada com o Fr+ Victor Varela Martins, KGOTJ e Comendador de Laccobriga e tem dois filhos.

O contacto com a Ordem surgiu de forma natural, através da participação num curso em Sintra. Aí percebeu as boas relações humanas e a oportunidade de um percurso interior marcado pela busca espiritual, pelo serviço e pelo sentido de responsabilidade ética. A OSMTHU apresentou-se como um espaço onde a Tradição, a espiritualidade cristã e a acção concreta e responsável se unem.

A coerência entre valores professados e valores vividos levou-a a pedir para ser recebida na Ordem. *“A Ordem representa, para mim, um caminho de exigência interior, disciplina espiritual e serviço altruísta”*, diz, acrescentando *“Isto num tempo que carece de referências firmes e coerentes, a via Ordenada Templária surge como uma ordem lógica e apelativa.”*

Na sua opinião, ser Dama Templária hoje significa viver com rectidão, com coragem e com o discernimento exigido num mundo fragmentado. Sublinha que é procurar ser a ponte, assumir-se como guardiã de valores, com uma presença serena e firme onde for chamada a servir. Recorda que na sua jornada já teve a grata oportunidade de desempenhar algumas funções de Oficial nas duas Comendas em que esteve filiada, as quais muito contribuíram para a sua caminhada pessoal. Recorda ainda

que teve momentos de participação intensa e outros de presença mais episódica, pois as funções profissionais desempenhadas a isso obrigavam, mas os Princípios, os Valores, a Tónica, a Virtude e o Propósito sempre foram para si pilares perenes.



Esses valores são simples, mas exigentes e pedem toda a coerência diária. São a verdade, a justiça, a misericórdia, a lealdade, a responsabilidade e o serviço.

A Irmã Sandra Oliveira participa nas obras, estudos e actividades do Priorado através do trabalho espiritual, da participação activa nas iniciativas da Comenda, do apoio a projectos de cariz social, cultural e formativo e da integração entre espiritualidade e serviço comunitário.

Define a principal missão da Ordem nos tempos actuais, ser guardiã de uma espiritualidade viva, cristã e operativa; formar consciências; servir silenciosamente e com fortitude; contribuir para a elevação ética e moral, espiritual e cultural da



sociedade; manter viva a transmissão da Cavalaria espiritual Templária antiga; repor manter e defender o propósito da Cavalaria e o eixo no mundo.

Nesse sentido assegura que a Ordem tem um futuro brilhante à sua frente. Deseja que ela continue a consolidar a verdadeira Cavalaria do Templo; que seja fiel ao seu espírito fundador e que

permaneça como farol firme e discreto num mundo em mudança. Adverte todos os que pensam pedir a recepção na Ordem que o façam por vocação e não por curiosidade. *“A Ordem não é um espaço de aparência”, diz – “Mas de exigência interior, serviço e compromisso real”.*



Sobre o momento da sua própria Armação recorda o profundo sentido de humildade e de compromisso. *“Mais do que um momento simbólico, foi a consciência clara de assumir uma responsabilidade espiritual, ética e moral acrescida perante Deus, a Ordem e a sociedade. Senti uma filiação viva a milícia celeste, uma Transmissão de Cavalaria responsabilizante.”*

Afirma que a Armação *“Aprofundou o sentido de disciplina interior, de oração consciente e de responsabilidade espiritual. Trouxe uma maior clareza ao modo como encaro o serviço ordenado, a minha missão pessoal. Inspirou e continua a inspirar a minha conduta a cada dia e a minha actividade nas diferentes dimensões em que actuo.”*

A dimensão espiritual é para si muito importante. No seu dia a dia pratica a oração e a leitura, mas tem uma preferência pelo recolhimento íntimo e a oração silenciosa e intimista, cuidando dos gestos de cada dia e da forma de tratar o outro. Não dispensa a presença numa Igreja, numa arribas sobre o mar azul, bem como a formação em relaxação psicossomática, visualização e psicoterapias que a levam a beneficiar dessa integração com a paz e o amor caritativo de si mesma.

Como crente, sente a presença de Deus e de Cristo na sua vida na paz que a sustenta,



mesmo em tempos difíceis, no chamamento constante ao serviço e na certeza íntima de que nada é em vão quando é vivido com Amor e com Verdade.

Na nossa História, retira inspiração da Rainha Dona Amélia de Bragança, como modelo de serviço e abnegação, de entrega, compromisso e verdade vivida, de perdão comprometido responsável e consequente, sendo uma inspiração para o ofício de cavalaria na sua assumpção de verdadeira Aristocracia.

Deixa a todos os Irmãos e Irmãs da ordem uma mensagem de esperança. *“Que permaneçamos unidos no essencial, firmes na oração, humildes no serviço e aguerridos e vigilantes na rectidão vertical do eixo manifestado. A Ordem vive em cada gesto quotidiano de cada um de nós.”* ✠



Todo o correio acerca deste Boletim deve ser enviado a [secretariado@seculartempli.org](mailto:secretariado@seculartempli.org)

